

“Spread” é o mais alto da América Latina

Regina Perez

A taxa de risco que o Brasil paga sobre sua dívida externa, o chamado *spread*, é uma das mais altas do mundo e fica muito acima das taxas praticadas no mercado internacional. Desde o início dessa década, e até hoje, o *spread* cobrado ao Brasil, em média, fica em torno de 2,0%, acima da Libor londrina, o que representa uma despesa anual de 1 bilhão 400 milhões de dólares. O *spread* pago pelo Brasil não só é muito mais elevado do que as taxas praticadas no mercado internacional, a países que ainda tem acesso a eles, como também é superior ao cobrado a outros países latino-americanos endividados.

Na América Latina, o México foi o país que obteve menor *spread* na negociação de sua dívida externa. Ano passado, depois de ficar à beira da moratória, o governo mexicano conseguiu uma redução no *spread* para 0,8125%. Mesmo assim essa taxa ainda é muito acima das praticadas no mercado internacional, conforme estudo do economista Paulo Nogueira Batista Junior, que foi assessor para assuntos internacionais do ex-ministro Dílson Funaro.

Na primeira rodada de renegociação da dívida externa, iniciada em 1982 e concluída em 1983, o Brasil fechou acordo com os bancos comerciais com *spread* de 2,32%. No mesmo ano, o México conseguiu um *spread* de 1,95% e o Chile obteve 2,16% e Uruguai, Peru, Panamá, Cuba e Costa Rica fecharam acordo com *spread* de 2,25%. O acordo de 1983/84 estabelecia *spread* de 2,0% sobre a dívida brasileira, de 1,5% sobre a mexicana e de 1,75% para as dívidas do Chile e do Equador.

Barganha — Somente no último acordo com os bancos comerciais, o governo brasileiro veio obter um *spread* mais favorável. Nas negociações de 1984/85 o *spread* ficou estabelecido em 1,13% (o mesmo obtido pelo México naquela época), mas incidiu somente sobre o principal da dívida que vencia em 1985 e 1986.

Enquanto os países endividados da América Latina pagam a seus credores elevados *spreads*, as taxas em vigor no mercado internacional são bem inferiores. A Tchecoslováquia, por exemplo, conseguiu renegociar recentemente um empréstimo de 250 milhões de dólares, contraído em 1979 junto a um *pool* de bancos estrangeiros, com *spread* de 0,35% sobre a libor.